



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## **A ETNOGRAFIA NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO COM ÊNFASE NO CONTEXTO INDÍGENA**

**Luzia Braga Pereira de Melo/UFAM – lubragamelo@gmail.com**

**Rosilei Cardozo Moreira/UFAM – rose.cardozo@gmail.com**

**Gerson Ribeiro Bacury/UFAM – gersonbacury@ufam.edu.br**

**Eixo 02** - Educação, Ciência e Sustentabilidade Social: pesquisas, práticas e experiências pedagógicas envolvendo povos indígenas, quilombolas, do campo, das florestas e das águas. Pesquisas sobre o desenvolvimento humano, os processos formativos dos sujeitos nos diferentes ciclos de vida e sua relação com a educação. Aborda a interculturalidade e os processos educacionais e pedagógicos na Amazônia, discutindo a formação e a práxis de professores como elemento mobilizador, com base em diferentes perspectivas históricas, epistemológicas e sociais.

### **Resumo**

Este estudo de cunho bibliográfico, destaca contribuições da etnografia em pesquisas na área de Educação no contexto indígena. O objeto de estudo versa sobre fundamentos teóricos, modos de aplicação e desafios da etnografia em educação. Assim, indagamos: de que forma a pesquisa do tipo etnográfica pode contribuir para estudos na área educacional em contexto indígena? O objetivo geral trata de compreender as contribuições da etnografia para pesquisas em educação com povos indígenas. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. Os resultados apontam para alguns fundamentos teóricos por meio dos quais a etnografia permite uma compreensão sobre pesquisas educacionais no contexto indígena, proporcionando ao pesquisador um olhar sensível e contextualizado sobre as relações entre os sujeitos e as dinâmicas culturais que permeiam o ambiente educacional no que tange a questões linguísticas, pedagógicas valorizando os saberes locais e epistemologias indígenas.

**Palavras-chave:** Etnografia; Pesquisas em Educação; Educação Escolar Indígena.

### **Introdução**

Pesquisas educacionais em contextos indígenas demandam instrumentos metodológicos sensíveis à diversidade cultural, linguísticas, cosmológicas e sociais dessas comunidades. Nesse cenário, a pesquisa do tipo etnográfica destaca-se por possibilitar uma compreensão aprofundada das práticas educativas, considerando o mundo simbólico, as relações sociais, os saberes e os valores próprios dos grupos envolvidos.

Nessa direção, este estudo, propõe dialogar sobre as contribuições da pesquisa etnográfica em contextos educacionais indígenas, com foco na Educação Escolar Indígena no Brasil, marcada pela complexa interação entre os sistemas formais de ensino e os



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

conhecimentos tradicionais dos povos indígenas. Nesse contexto, a pesquisa com professores indígenas requer abordagens metodológicas atentas às particularidades culturais, promovendo um diálogo entre os saberes acadêmicos e os conhecimentos indígenas.

Assim sendo, a etnografia tem se mostrado uma metodologia potente para compreender as dinâmicas escolares e comunitárias, permitindo desvendar o entrelaçamento entre cultura, pedagogia e identidade, além de problematizar as tensões entre posições de pesquisas tradicionais e posicionamentos colaborativos no seio da comunidade.

Por esse viés, esta pesquisa conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e integra o projeto de pesquisa em curso e aprovado na Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 – UNIVERSAL/Faixa A – Grupos Emergentes. Para tal, nossas reflexões se ancoram em diálogos críticos e reflexivos realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas de Práticas Investigativas em Educação Matemática – GEPIMat/CNPq<sup>1</sup>, onde são abordadas questões voltadas ao processo de ensino e aprendizagem das matemáticas em contextos de diversidade indígena.

Dessa forma, o objeto de estudo centra-se em fundamentos teóricos, modos aplicação e desafios na aplicação da etnografia em pesquisas na área de educação. Assim, questionamos: De que forma a pesquisa do tipo etnográfica pode contribuir para estudos na área educacional em contexto indígena? Com essa perspectiva, objetivamos compreender as contribuições da etnografia para pesquisas em educação com povos indígenas.

A intenção é apresentar informações sobre o potencial analítico na investigação de teorias, práticas educativas, processos de ensino e aprendizagem e subjetividades no ambiente escolar indígena, conforme será abordado, a seguir.

## **A Etnografia na Pesquisa em Educação no Contexto Indígena**

A etnografia, originada na antropologia, consolidou-se como uma abordagem metodológica essencial para a compreensão de fenômenos sociais. Suas bases epistêmicas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/320244>.

fundamentam-se na imersão prolongada do pesquisador na comunidade estudada. Segundo Zapleta e Rockwell (1989), a etnografia surgiu no final do século XIX e início do século XX como uma abordagem qualitativa de pesquisa. Durante esse período, com a expansão colonial e o interesse em estudar culturas não ocidentais, a etnografia ganhou destaque como uma ferramenta para documentar e interpretar a diversidade cultural. Diferentemente dos métodos positivistas, que priorizavam objetividade e quantificação, a etnografia buscava compreender práticas, crenças e significados culturais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos.

No campo educacional, o interesse pela etnografia intensificou-se na década de 1970, quando estudiosos começaram a utilizá-la para compreender as dinâmicas do trabalho docente em sala de aula. Sua inserção no âmbito educacional representou uma virada epistemológica, valorizando o olhar do pesquisador imerso no contexto investigado. Essa abordagem promoveu a compreensão da escola como um espaço cultural, contribuindo para a investigação das relações sociais no ambiente escolar, das práticas pedagógicas, das interações entre estudantes e professores e dos processos de inclusão e exclusão. Nesse sentido, a etnografia permite captar os múltiplos significados atribuídos às práticas escolares.

No contexto da educação indígena, a etnografia exige uma abordagem sensível à diversidade cultural. O pesquisador não deve apenas observar fenômenos, mas conviver com práticas vivas, escutando múltiplas vozes, incluindo aquelas frequentemente marginalizadas pelo pensamento ocidental. Isso implica um reposicionamento epistemológico, no qual os saberes indígenas são reconhecidos como conhecimento válido.

Conforme Oliveira (2016, p. 73), “em se tratando de pesquisa na área educacional, o foco da pesquisa etnográfica está relacionado ao processo educacional, o que necessariamente não implica em se fazer etnografia de grupos sociais [...]”. Assim, a etnografia na pesquisa educacional concentra-se nos processos educacionais, como práticas pedagógicas e interações escolares, sem se limitar à análise de grupos sociais, como na antropologia tradicional. Essa perspectiva é especialmente relevante na educação indígena, pois permite investigar como os saberes tradicionais e as práticas culturais são incorporados ao ambiente escolar, promovendo uma compreensão contextualizada e culturalmente sensível.

A etnografia, quando aplicada a pesquisas em contextos indígenas, destaca-se por sua capacidade de captar as dinâmicas educacionais de forma ética, colaborativa e respeitosa às



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

epistemologias locais. Mais do que descrever, ela empodera os sujeitos envolvidos, contribuindo para uma educação mais inclusiva e culturalmente relevante. Segundo Mucchieli (1996, p. 63), “[...] a etnografia constitui um método da maiêutica social que permite ao informante ter um conhecimento de si mesmo, a possibilidade de conhecer o seu grupo social, a sociedade e sua cultura”. Nesse sentido, a etnografia vai além da mera coleta de dados, promovendo um processo reflexivo e emancipatório para os sujeitos pesquisados e suas comunidades. No contexto da educação indígena, ela permite que professores, alunos e comunidades reflitam sobre suas práticas educativas, fortalecendo suas identidades culturais.

Para Geertz (2008), a etnografia proporciona uma “descrição densa” da realidade dos grupos envolvidos na pesquisa, apresentando um conjunto de significantes que estruturam a produção, percepção e interpretação de eventos e ações. No caso de pesquisas com professores indígenas, esse referencial é particularmente relevante, pois permite acessar a simbologia e a cosmologia próprias de cada povo indígena. Assim, é possível compreender como os processos educativos são produzidos, percebidos e ressignificados dentro de suas tradições, línguas e territórios. A descrição densa torna viável captar não apenas o que os professores indígenas fazem em suas práticas pedagógicas, mas também como e por que o fazem, considerando os valores culturais, espirituais e comunitários que fundamentam suas ações.

Assim sendo, a etnografia, concebida como uma interpretação cultural, contribui para uma abordagem intercultural e dialógica na pesquisa educacional. Ela respeita os saberes originários e reconhece os professores indígenas como sujeitos epistêmicos de suas próprias práticas e contextos. Sua eficácia, no entanto, depende de um compromisso ético com a construção colaborativa do conhecimento e o respeito às epistemologias locais, garantindo que a pesquisa contribua para a autodeterminação das comunidades indígenas, como será tratado, a seguir.

## **Caminhos da Pesquisa Etnográfica em Educação**

A pesquisa etnográfica busca interpretar significados e práticas sociais em contextos específicos, destacando-se por sua abordagem qualitativa e imersiva. Conforme André (2004, p. 23), “[...] um estudo etnográfico, por exemplo, pode seguir uma linha funcional-estruturalista



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

ou pode situar-se nos diferentes matizes da fenomenologia ou ainda pode vincular-se à teoria crítica ou ao materialismo histórico”.

No contexto educacional indígena, essas perspectivas enriquecem a etnografia: a fenomenologia valoriza as experiências subjetivas de professores e comunidades indígenas, permitindo uma compreensão densa das práticas pedagógicas ligadas aos saberes tradicionais; a teoria crítica identifica e desconstrói relações de poder no ambiente escolar, promovendo justiça educacional e autodeterminação; e o materialismo histórico analisa as condições históricas e econômicas, como colonização e políticas econômicas, destacando tensões entre sistemas formais e saberes locais.

No campo educacional, Gatti (2001) aponta a etnografia como um dos caminhos metodológicos possíveis, capaz de promover uma escuta sensível e situada. Ao valorizar saberes locais e formas próprias de produzir conhecimento, ela permite reconhecer dinâmicas pedagógicas articuladas às cosmovisões indígenas, contribuindo para uma análise comprometida com a diversidade cultural e as epistemologias originárias. Laplantine (2005) reforça que a etnografia não é apenas uma técnica de coleta de dados, mas uma forma de conhecimento que envolve descrição densa e interpretação holística. No contexto indígena, exige sensibilidade cultural e compromisso com o retorno do conhecimento à comunidade, fortalecendo a autodeterminação educacional e enfrentando tensões, como a imposição de currículos ocidentais.

Geertz (2008) destaca que “realizar uma pesquisa etnográfica não se resume a apenas estabelecer relações, selecionar interlocutores, registrar discursos, coletar informações, delimitar territórios ou manter registros sistemáticos entre outros”. Trata-se de uma atitude interpretativa que decifra significados simbólicos em discursos, práticas e interações, promovendo imersão, escuta atenta e análise crítica. Na educação, a etnografia revela aspectos do cotidiano escolar que escapam a instrumentos padronizados, conforme Santos (2007), que defende evitar assimetrias coloniais, compartilhando resultados com a comunidade e valorizando seus modos de transmissão de saberes.

Assim sendo, os instrumentos de coleta incluem a observação participante, que, segundo Mattos (2001), envolve participação ativa nas atividades cotidianas para compreender dinâmicas sociais. Entrevistas abertas ou semiestruturadas, como destaca Cardoso (2009, p. 8),

que permitem aos “[...] participantes da pesquisa refletem acerca daquilo que foi ‘observado’ pelo pesquisador, deixando que ele se aproxime de suas significações”, considerando “[...] hesitações, risos, silêncios, lapsos, interrupções, et., muitas vezes reveladores de conteúdos” (Viégas, 2007, p. 114). O diário de campo também se configura como um instrumento importante, conforme Beaud e Weber (2007, p. 67), “[...] transforma uma experiência social ordinária em experiência etnográfica, pois não só restitui os fatos marcantes que sua memória corre o risco de isolar e de descontextualizar mas, especialmente, o desenrolar cronológico objetivo dos eventos”, com formato adaptável ao fenômeno estudado.

A análise etnográfica, segundo Viégas (2007), ocorre de forma qualitativa e contínua, com categorias emergindo do diálogo entre teoria e dados, como afirma André (1995, p. 45): “[...] as categorias de análise não podem ser impostas de fora para dentro, mas devem ser construídas ao longo do estudo, com base em um diálogo muito intenso com a teoria e em um transitar constante dessa para os dados e vice-versa”. Sobre isso, Michelat (1980, p. 48) enfatiza que a análise deve “[...] desvelar mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente ‘silenciados’”, considerando contextos culturais, históricos e sociais. Essa abordagem hermenêutica, alinhada a perspectivas pós-coloniais, dá visibilidade a narrativas subalternas, promovendo uma investigação profunda e ética.

Conforme o exposto, a etnografia na pesquisa educacional indígena combina rigor metodológico e sensibilidade cultural, enfrentando tensões entre sistemas formais e práticas tradicionais. Ao promover diálogos e valorizar epistemologias locais, contribui para uma educação inclusiva, emancipatória e comprometida com a autodeterminação das comunidades indígenas. Nessa direção, a seguir, serão tratadas questões relacionadas ao percurso metodológico que orientou este estudo.

## **Percurso Metodológico**

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, que privilegia a análise descritiva e interpretativa dos dados, permitindo uma compreensão profunda dos fenômenos investigados. Conforme Flick (2009), a pesquisa qualitativa enfatiza a exploração de significados e contextos, sendo especialmente adequada para estudos que buscam compreender práticas educacionais em contextos específicos, como o ensino de matemática e outras disciplinas em comunidades





**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

indígenas. Creswell (2014) reforça que essa abordagem é indicada para investigações que priorizam a interpretação de fenômenos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando suas experiências e contextos culturais.

A escolha pela pesquisa bibliográfica, justifica-se por possibilitar “[...] um estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica” (Oliveira, 2016, p. 69). Esse método permite uma análise sistemática de produções acadêmicas, fornecendo uma base sólida para compreender os fundamentos, aplicações e desafios da etnografia como método de pesquisa educacional, especialmente em contextos indígenas. Segundo Flick (2009), a etnografia combina observação participante, entrevistas e análise contextual para captar as nuances culturais e sociais dos grupos estudados, sendo particularmente relevante para investigações em educação que buscam integrar saberes tradicionais e práticas pedagógicas.

A metodologia empregada neste estudo consistiu em um mapeamento bibliográfico de artigos científicos focados nas abordagens e técnicas da pesquisa etnográfica em estudos educacionais em contextos indígenas. A busca foi realizada em bases de dados acadêmicas, incluindo SciELO, Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES, utilizando os seguintes descritores: “etnografia como tipo de pesquisa educacional em contexto indígena”, “etnografia na pesquisa educacional de professores em contexto indígena” e “pesquisas em educação de cunho etnográfico em contexto indígena”. Para isso, foram considerados artigos publicados entre 2020 e 2025.

No Portal de Periódicos da CAPES, a busca foi configurada para “buscar tudo”, abrangendo todos os campos e tipos de material, resultando em dezessete (17) artigos. Após análise, com base em leituras nos resumos e metodologia, quatro (4) artigos foram selecionados por detalharem as aplicabilidades e características da pesquisa etnográfica na área educacional. Os outros treze (13) artigos foram descartados por apenas mencionarem a etnografia nos procedimentos metodológicos sem aprofundar o processo. No Google Acadêmico, foram identificados muitos estudos, os quais também constavam no Portal de Periódico da Capes, sendo estes selecionados para a leitura inicial, de modo que um (1) dos artigos que apareceram em ambas as bases de dados foi selecionado.

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, com foco na identificação de temas recorrentes relacionados aos fundamentos, aplicações e desafios da etnografia em pesquisas educacionais. Para isso, foi utilizada a técnica de análise temática proposta por Creswell (2014), que envolve a categorização de dados em temas emergentes, permitindo uma interpretação sistemática e reflexiva das informações coletadas.

## Resultados e Discussão

O mapeamento inicial foi conduzido em bases de dados acadêmicas, incluindo SciELO, Google Acadêmico e o Portal de Periódicos da CAPES, abrangendo o período de 2020 a 2025. Devido a um elevado número de estudos que mencionavam a etnografia em seus procedimentos metodológicos, optou-se por focar nos periódicos disponíveis no Portal de Periódicos da CAPES, uma vez que estes coincidiam com os demais encontrados nas outras bases de dados mencionadas e apresentavam uma amostragem mais manejável, de modo, que foram selecionadas cinco (5) pesquisas. Além disso, foram selecionados textos que abordassem temáticas variadas, com o objetivo de destacar diferentes formas de aplicação da etnografia.

Os resultados desse levantamento serão apresentados no Quadro 1, seguindo por uma discussão detalhada dos achados.

**Quadro 1:** Periódicos estudados

Título	Autores	Palavras-chave	Periódico	Ano
A Prática Etnográfica na Pesquisa Educacional: Apontamentos Primordiais da Relação entre Educação e Antropologia	Guilherme Fernando Schneckenberg; Guilherme Saramago de Oliveira; Eduardo B. Lima Junior	Pesquisa em Educação; Etnografia; Metodologia de Pesquisa.	Cadernos da Fucamp	2021
Etnografia na educação: contribuições metodológicas na compreensão da realidade educacional	Anderson Vicente da Silva; Kalina Vanderlei da Silva	Etnografia; Educação; Diferenças; Antropologia.	Revista Eletrônica Interações Sociais	2021
Etnografia como Campo de Pesquisa na e para a Prática Docente de Professores Indígenas Inykarajá que ensinam Ciências e Matemática	Raimundo Ribeiro dos Santos; Elisângela Aparecida P. de Melo	Práticas Socioculturais; Atividades educativas; Ensino de Ciências e Matemática.	Cadernos CIMEAC	2021
Os Povos Indígenas do Opará e a Educação	Roberto Remígio Florêncio;	Educação Escolar Indígena;	Espaço Ameríndio	2022



Intercultural: uma Etnografia Crítica	Pedro R. Jungers Abib	Descolonização; Línguas Autóctones.		
Desafios da Pesquisa Etnográfica com Povos Indígenas em Tempos de Pandemia: aprendendo outras estratégias metodológicas	Rosane Duarte Rosa Seluchinesk; Gisele Moura de Jesus	Educação; Covid-19; Indígenas; Tecnologias; Pós-Graduação.	Humanidades e Inovação	2022

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

No Quadro 1, apresentamos os periódicos examinados neste estudo, com ênfase na identificação de temas recorrentes relacionados aos fundamentos, aplicações e desafios da etnografia no campo da educação, utilizando a análise temática fundamentada nos aportes teóricos de Creswell (2014).

Assim sendo, o estudo intitulado “A Prática Etnográfica na Pesquisa Educacional: Apontamentos Primordiais da Relação entre Educação e Antropologia” destaca a etnografia como uma ferramenta adaptada para analisar processos educativos, como fracasso escolar, formação de professores e cultura escolar, utilizando métodos como observação participante, diário de campo e análise de discurso em contextos diversos (escolas urbanas, indígenas e quilombolas). Autores como André (1995), Mattos (2011) e Pereira (2017) enfatizam sua capacidade de captar sentidos cotidianos, enquanto outros teóricos embasam a compreensão de socializações, rituais educativos e dinâmicas geracionais.

Apesar de sua versatilidade, a etnografia enfrenta desafios, entre os quais, destaca-se o risco de ser reduzida a uma técnica, ignorando o relativismo antropológico, e a tensão entre o caráter normativo da educação (focado em soluções) e o descritivo da antropologia. Outras dificuldades incluem o acesso às instituições, o diálogo com não-antropólogos e a distinção entre “cultura escolar” e “cultura da escola”. Esses desafios refletem barreiras interdisciplinares, como a hierarquia percebida da antropologia e a pressão por resultados práticos na educação. Contudo, abrem caminhos para inovações, como etnografias híbridas que equilibram normatividade e relativismo, promovendo avanços mais inclusivos na pesquisa educacional.

Por conseguinte, a pesquisa intitulada “Etnografia na Educação: Contribuições Metodológicas na Compreensão da Realidade Educacional” destaca a etnografia como uma ferramenta reflexiva e interpretativa, fundamentada em perspectivas históricas e contemporâneas. A aplicação prática da etnografia na educação promove a compreensão da diversidade, estimula a inovação pedagógica e fomenta a inclusão, ao analisar as relações



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

escolares, dar voz às diferenças e propor adaptações aos contextos atuais. Assim sendo, a educação é “[...] uma modalidade de ajustamento psicossocial que resulta numa forma de controle social, com base na organização social e no horizonte cultural partilhado por um grupo (Gusmão (1997, p. 03).

Desse modo, o texto posiciona a etnografia como um instrumento essencial para superar paradigmas e preconceitos, configurando-se como um processo comunicativo que rompe com práticas homogeneizantes e favorece uma educação intercultural. Reflexivamente, a etnografia é descrita como amplificadora das vozes de atores educacionais (alunos, professores, famílias) e adapta-se a desafios contemporâneos, como o ambiente virtual, ampliando seu potencial para pesquisas educacionais inclusivas.

Para superar alguns desafios, o texto propõe a valorização da polifonia e da contextualização, enfatizando que a etnografia exige rigor para evitar reducionismos. Assim, reforça a importância de uma formação interdisciplinar, transformando desafios em oportunidades para construir uma sociedade mais justa e equitativa.

Prosseguindo, o estudo “Etnografia como campo de pesquisa na e para a prática docente de professores indígenas Iny-Karajá que ensinam Ciências e Matemática” destaca a etnografia como ferramenta intercultural que valoriza saberes indígenas, integrando práticas socioculturais, como pinturas corporais, ao ensino de Ciências e Matemática. Com base em autores como Angrosino (2009), Guber (2012) e Wenger (2001), o texto enfatiza o diálogo entre Antropologia e Educação, utilizando métodos qualitativos como observação participante, entrevistas narrativas e imersão comunitária para captar significados interculturais e promover o relativismo cultural.

A etnografia é apresentada como um processo reflexivo, descrito por Gomes (2013) como “fronteira do Eu e o Outro”, que promove o “estranhamento” para compreender saberes indígenas, como rituais e pinturas corporais, usados em atividades pedagógicas, como desenhos geométricos. Essas práticas fortalecem a inovação intercultural, dando voz a professores indígenas e rompendo com homogeneizações, enquanto adaptam saberes orais a contextos educacionais, promovendo autonomia e pensamento crítico.

Nesse caso, os desafios da etnografia incluem dificuldades na imersão comunitária, equilíbrio entre observação e participação, adaptação de conhecimentos acadêmicos às



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

realidades indígenas e barreiras formativas, como acesso a cursos. Guber (2012) destaca a complexidade da observação participante, enquanto o texto enfatiza a ética na pesquisa para evitar imposições externas. Propõe-se a superação por meio de diálogo comunitário e negociação, transformando obstáculos em oportunidades para uma etnografia ética, inclusiva e valorizadora de saberes marginais.

Dando continuidade, o texto “Os povos indígenas do Opará e a educação intercultural: uma etnografia crítica” destaca a etnografia crítica como ferramenta de descolonização na Educação Escolar Indígena (EEI), com foco na revitalização de línguas autóctones, como Dzubukuá e Kepiá, e no combate a silenciamentos históricos. Centrado nos Truká do semiárido pernambucano, o estudo integra Antropologia, Educação e legislação (Constituição de 1988, Lei 11.645/2008), com aportes teóricos de Geertz (2008), Macedo (2009) e Santos (2009). A etnografia é apresentada como um processo reflexivo que, por meio de métodos como entrevistas, diário de bordo e observação participante, capta nuances socioculturais e promove práticas interculturais, transformando narrativas de opressão.

A abordagem enfatiza a interculturalidade e a descolonização, utilizando a etnografia para expor normalidades opressivas e valorizar saberes ancestrais. A análise de silenciamentos linguísticos e a promoção de alteridades indígenas são centrais, com a etnografia funcionando como um “estar na pesquisa”, ao conectar passado colonial a práticas contemporâneas de resistência Geertz (2008). Nessa direção, a revitalização linguística e o empoderamento indígena, por meio da formação superior e do combate a preconceitos, são práticas transformadoras que rompem homogeneizações.

Apesar de tensões coloniais persistentes, o texto propõe a superação por meio de diálogo intercultural e etnografia colaborativa, transformando desafios em oportunidades para pesquisas que promovam inclusão de saberes marginais, autonomia e identidade coletiva indígena. Assim, a etnografia crítica emerge como catalisadora de inovação pedagógica e resistência cultural.

E, por fim, o texto intitulado “Desafios da Pesquisa Etnográfica com Povos Indígenas em Tempos de Pandemia: Aprendendo Outras Estratégias Metodológicas” analisa os desafios e adaptações da etnografia em pesquisas educacionais com povos indígenas durante a pandemia de COVID-19. Nesta pesquisa, a etnografia é apresentada como uma metodologia flexível e

qualitativa, fundamentada na compreensão profunda da vida social e cultural a partir da perspectiva dos sujeitos, conforme autores como Flick (2009), Mattos (2011) e Oliveira (1996). Esses princípios, que incluem participação prolongada, observação flexível e sensibilidade cultural, são ressignificados no contexto pandêmico, mas mantidos por meio de adaptações como o resgate de vivências anteriores.

Dessa forma, a etnografia é destacada por sua capacidade de capturar pluralidades e processos sociais, especialmente em contextos educacionais indígenas, incluindo realidades urbanas desconexas. No cenário pandêmico, a pesquisa adota formatos híbridos, integrando netnografia, sob os fundamentos teóricos de Kozinets (2014) para eventos online, como a "Semana dos Povos Indígenas", e utilizando ferramentas como *Google Meet*, *WhatsApp* e formulários *online* para substituir a observação presencial, conforme Presado *et al.* (2021). Essas adaptações, justificadas pela vulnerabilidade indígena apontada por dados da Fiocruz (2020) e restrições da FUNAI, enfrentam lacunas, como a ausência de interação face a face.

O texto enfatiza a flexibilidade metodológica, integrando observação e entrevistas etnográficas, sob os aportes teóricos de André (1995) e por meio de uma abordagem crítica dialética, segundo Gamboa (2013). Nessa perspectiva, a netnografia surge como um caminho inovador para coletar narrativas indígenas, embora limitações, como a proibição de visitas a aldeias, destacando aqui como desafios. Assim, a etnografia se reinventa, combinando métodos online e presenciais para manter sua relevância e sensibilidade cultural em tempos de crise.

Em síntese, os estudos apresentados revelam a etnografia como uma ferramenta poderosa e versátil no campo da educação, capaz de captar nuances socioculturais, promover interculturalidade e desafiar práticas homogeneizantes. Por meio de métodos como observação participante, entrevistas narrativas e netnografia, a etnografia se adapta a contextos diversos, incluindo realidades indígenas, urbanas e virtuais, enfrentando desafios como reducionismos, barreiras interdisciplinares e limitações impostas por crises, como a pandemia de COVID-19. Ao valorizar a polifonia, o relativismo cultural e a descolonização, a etnografia não apenas ilumina dinâmicas educacionais, mas também fomenta inovações pedagógicas, inclusão e resistência cultural, transformando obstáculos em oportunidades para uma educação mais equitativa e reflexiva, alinhada aos saberes e às vozes dos atores envolvidos. Sobre o exposto, a seguir teceremos as considerações finais deste estudo.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## Considerações finais

Conforme as análises realizadas compreendemos, que a etnografia emerge como uma ferramenta epistemológica robusta e essencial na pesquisa em educação no contexto indígena, especialmente por sua capacidade de captar a complexidade das relações socioculturais em contextos diversos valorizando as vozes dos sujeitos. Seus fundamentos teóricos, ancorados em perspectivas nativas e participação prolongada, sustentam aplicações práticas que promovem empatia, especialmente em ambientes escolares promovendo a interculturalidade, a descolonização e a valorização de saberes marginais.

Seus métodos qualitativos, como observação participante, entrevistas narrativas e netnografia, permitem dar voz a atores educacionais, romper com práticas homogeneizantes e fomentar inovações pedagógicas que respeitam a diversidade e promovem inclusão. No entanto, desafios como os impostos pela pandemia de COVID-19 revelam fragilidades inerentes, tais como limitações na interação face a face e a necessidade de adaptações éticas, levando a ressignificações metodológicas – de etnografia estrita para abordagens híbridas com netnografia e tecnologias digitais. Essa resiliência destaca a etnografia não como método neutro ou obsoleto, mas como processo de negociação dinâmica e catalisadora de interculturalidade, combatendo etnocentrismo, silenciamentos e homogeneizações curriculares.

Ao equilibrar tradição e inovação, a etnografia contribui para uma educação reflexiva, inclusiva e descolonizadora, fomentando soberania cultural, revitalização linguística e aprendizado significativo em sociedades plurais. Assim, a etnografia se reafirma como um instrumento dinâmico, capaz de transformar obstáculos em oportunidades para construir uma educação mais equitativa, reflexiva e alinhada às demandas de uma sociedade plural, contribuindo para a superação de preconceitos e a promoção de práticas educacionais inclusivas e culturalmente sensíveis. Para futuras pesquisas, sugere-se explorar empiricamente o potencial de etnografias digitais, impactos da interculturalidade na formação docente indígena e integração de saberes tradicionais em contextos globalizados, estratégias de revitalização linguística, o ensino de matemática a partir do contexto indígena, entre outros, ampliando assim o potencial transformador da etnografia na educação em contextos indígena, construindo uma educação que fomente o aprendizado significativo em sociedades plurais.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus, 1995.
- ANDRÉ, M. E. A. **etnografia da prática escolar**. 11. ed. São Paulo: Papirus, 2004.
- ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. Tradução de Sérgio Joaquim de Almeida. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- CARDOSO, A. P. L. B. **Etnografia e educação: caminhos que se entrecruzam**. Fortaleza: UEC, 2009.
- CRESWELL, J. W. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GAMBOA, S. S. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó, SC: Argos, 2013.
- GATTI, B. A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no país. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p. 65-81, 2001.
- GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia: ciência do homem: filosofia da cultura**. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.
- GUSMÃO, N. M. M. de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. **Caderno CEDES**, v. 18, n. 43. Campinas: Dez., 1997.
- GUBER, Rosana. **La etnografia: método, campo e reflexividad**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.
- KOZINETTS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MACEDO, R. S. **Compreender / mediar a formação: o fundante da educação**. Brasília: Líber Livro, 2009.
- MATTOS, C. L. G. de. **Abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MATTOS, C. L. G. de. **Abordagem etnográfica na investigação científica**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- MICHELAT, G. Sobre a Utilização da Entrevista Não-Diretiva em Sociologia. In THIOLLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. Ed. Polis, 1980.





**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

MUCHIELLI, A. **Dictionnaire des méthodes qualitatives en sciences humaines**. Paris: Armand Colin, 1996.

OLIVEIRA, R. C. de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

PEREIRA, A. B. Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, RS, n. 45, p. 149-176, jul./dez., 2017.

PRESADO, M. H. et. al. Investigação qualitativa em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online], v. 74, 2021.

SANTOS, B. de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, B. de S. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

VIÉGAS, L. de S. Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em psicologia e educação. **Revista Diálogos possíveis**: revista da Faculdade Social da Bahia. Ano 6, n. 1 (jan./jun.2007). Salvador: FSBA, 2007. p. 102-123.

ZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa Participante**. 2ª Ed. Tradução de Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1989.

WENGER, E. **Comunidades de prática**: aprendizaje, significado e identidad. Barcelona: Editorial Paidós, 2001.